

# A EVOLUÇÃO DO MITO, DE HOMERO A PLATÃO

Eleazar Magalhães Teixeira

## 1 - O Mito em Homero:

O mito se insere na área da Poesia e da Literatura, e tem como principal fonte de inspiração os sentimentos e a imaginação. Pelo seu poder de sintetizar e de significar, ele se aproxima bastante dos símbolos e dos sonhos.

Quando falamos em mitos, geralmente somos transportados para o mundo de Homero, que, segundo a tradição, criou as duas primeiras obras da Literatura Ocidental, a *Iliáda* e a *Odisséia*.

A palavra mito se origina do grego *Mâqoj* (*mythos*)=narrativa, fábula, conto fabuloso etc. Da mesma raiz, temos em grego o verbo *muqšomai* (*mythéomai*)=falar, conversar, narrar etc.

O que torna os mitos atraentes são o relacionamento e a convivência entre deuses e homens (*heróis*), muitas vezes em boa harmonia, outras vezes em flagrante oposição. Lendo a *Iliáda* e *Odisséia*, acompanhamos o desenrolar das narrativas em dois planos: no inferior, agem homens, *heróis* e deuses; noutro, superior, atuam os deuses.

Recordemos brevemente o início da *Iliáda*: Crises, sacerdote do deus Apolo, pede que Agamêmnon lhe devolva sua filha Criseida, que ele mantém em seu poder como presa de guerra. Em troca, lhe oferece um grande resgate. Além de não atender ao pedido do sacerdote, Agamêmnon ainda o enxota para longe dos navios. Em conseqüência, Apolo faz grassar terrível peste entre as hostes dos aqueus(gregos).

Assombrado com as inúmeras mortes entre os aliados, Aquiles convoca uma assembléia, onde o adivinho Calcas revela a causa da peste: a injustiça de Agamêmnon contra o sacerdote de Apolo. Dispondo-se a reparar seu erro, Agamêmnon devolve Criseida ao sacerdote de Apolo, mas exige como recompensa uma outra presa de guerra, citando nominalmente Briseida, outra presa de guerra que coubera a Aquiles como prêmio. Encolerizado com a nova injustiça, Aquiles puxa sua

espada para matar Agamêmnon, sendo, porém, impedido de fazê-lo porque a deusa Atena o segurou por detrás em seus louros cabelos.

Assim a *Iliáda* vai se desenvolvendo. Logo a seguir, nos deparamos com o segundo plano: um quadro em que duas cenas se realçam no Olimpo. Primeiro, uma briga de casal entre Zeus e sua esposa Hera, provocada por uma crise de ciúme; depois, uma confraternização entre os deuses ao se deliciarem com a bebida divina, o néctar. (Cf. HOMERO, *Iliáda*, I, 1-611 ).

Na leitura dos poemas homéricos, muitas vezes nos deixamos fascinar apenas pelas ações divinas e pelos embates dos heróis. Quando, porém, articulamos entre si os mais importantes acontecimentos, descobrimos a grande mensagem do autor. Na *Iliáda*, por exemplo, apesar das muitas injustiças e das infundáveis mortes, tudo termina num grande perdão entre os dois maiores rivais, Príamo e Aquiles.

Os mitos atuam sobretudo nas áreas da literatura, das artes, da tradição rememorativa e do entretenimento.

## **2 - A Crítica de Platão aos Mitos de Homero e de Outros Poetas**

Criadas por Homero, a *Iliáda* e a *Odisséia* foram posteriormente escritas entre os séculos VIII e VII a .C. , após a criação do alfabeto fonético. A produção intelectual de Platão data sobretudo do século IV a.C. Nesse intervalo, porém, muitas coisas aconteceram e evoluíram. Houve duas grandes guerras: uma contra os persas e a do Peloponeso; surgiu o movimento dos sofistas e, em consequência, o aparecimento da filosofia e a invenção da democracia. Evoluíram o pensamento, a linguagem, a sintaxe e o vocabulário. Ao lado de *Mâqoj* (*mythos*) e *muq̄somai* (*mythéomai*), surgiram novas palavras. capazes de expressar conceitos mais atualizados, como *lŌgoj* (*lógos*)=palavra, discurso, razão, e o verbo correspondente *lšgw* (*légo*)=dizer, discutir, afirmar etc.

É neste novo contexto histórico que surge a crítica de Platão à Poesia e aos Mitos. Feita nos Livros II, III e X da *República*, tal crítica é sobretudo de ordem pedagógica e moral. Se os deuses e os heróis são modelos a serem imitados pelos educandos, como admitir que se continue ensinando às crianças que Urano foi mutilado pelo próprio

filho Cronos? Como convencer os jovens de que Zeus é um padrão de justiça, quando este, após ter acorrentado o pai, Cronos, lhe subtraiu o poder político e divino, como proclamam os mitos? Por outro lado, seria difícil cultivar a piedade, virtude essencial para manter o respeito entre pais, filhos e a divindade, quando um entendido em religião, o teólogo Eutífron, acusa de homicídio o próprio pai, por uma suposta morte de um mercenário, em circunstâncias nebulosas. Sem dúvida, nesta situação, lhe seria mais vantajoso perder na justiça, para ganhar em piedade, uma vez que as duas virtudes se acham indissolúvelmente integradas.

### **3 - O Mito de Protágoras ( PLATÃO, *Protágoras*, 320d1-325c et sqq.)**

O Mito de Protágoras faz parte do diálogo *Protágoras*, uma discussão entre Sócrates e Protágoras a respeito do ensino da virtude. No decorrer da discussão, dois tipos de valores se sobressaem: as virtudes técnicas, que envolvem as habilidades humanas, por exemplo, as profissões de arquiteto e de armador de navios, e a virtude política, que se relaciona com a convivência social, por exemplo, a justiça, a vergonha, a piedade e outros valores abstratos.

Quanto às primeiras, Sócrates não duvida de que realmente possam ser ensinadas. E dá um exemplo: quando se trata de construir prédios em Atenas ou da armação de navios no Pireu, somente técnicos nessa área são convocados para a sua execução, e ninguém aceita parecer de quem não tenha habilidade nessas técnicas. Mas há uma coisa que o espanta. Quando se discutem questões políticas, todos se levantam para dar suas opiniões: políticos, ferreiros, sapateiros, comerciantes, ricos, pobres, sábios e ignorantes. Se lhes perguntamos com quem aprenderam tal virtude, são incapazes de citar seus mestres. Isso é um indício de que essa virtude não pode ser ensinada.

Para desfazer essa dúvida, Protágoras lhes narra um mito que remonta aos tempos em que os homens e os animais foram criados. Para provê-los com dotes, foram convocados dois auxiliares: Prometeu e E pimeteu. Este último, mais afoito, adiantou-se logo no empreendimento, dotando os animais com recursos suficientes, com que

podariam enfrentar as dificuldades do novo meio ambiente. Quando, porém, chegou para fazer sua inspeção, Prometeu encontrou todos os animais eqüitativamente dotados, enquanto o homem, esquecido, estava nu, descalço, sem cobertor, sem armas. Que fazer então? Subindo rápido à comum oficina de Atena e de Hefesto, Prometeu roubou-lhes a sabedoria técnica com o fogo, e com isto presenteou os homens. A partir de então, estes aprenderam a tirar da terra seu próprio sustento, construir casas, fazer calçados, tecer roupas e cobertores, e erguer altares para adorar os deuses.

Mas, embora munidos de todos os recursos referentes às técnicas, faltava-lhes a virtude política. Tentavam viver em grupos, fundavam cidades, mas logo se desentendiam e se dispersavam porque não sabiam como manter os vínculos sociais da amizade e de como viver em boa harmonia. Vendo então que assim o gênero humano acabaria desaparecendo, Zeus chamou o deus Hermes e lhe ordenou que distribuisse entre os homens duas virtudes indispensáveis à boa convivência humana: a justiça e a vergonha, ordenando-lhe ainda que elas fossem eqüitativamente repartidas entre todos os homens sem exceção, sob pena de não continuar a viver aquele que dela fosse excluído.

Se atentarmos para a estrutura deste mito e para o encadeamento de suas partes, concluímos que, quanto à forma, Platão se manteve coerente com a tradição homérica: as mesmas personagens, deuses e homens; a mesma hierarquia religiosa, e os mesmos dois planos em que atuam deuses e homens. A diferença, porém, resulta do novo modo de pensar da época, o século IV a..C., numa guinada, que pôs o próprio homem como centro do universo humano, na política, no saber e no exercício dos valores éticos.

A referência ao roubo de Prometeu nos faz pensar no desenvolvimento da inteligência humana, no progresso das técnicas e da ciência, valores que, distribuídos aleatoriamente entre os homens, tendem a se tornar ilegítimos, se não forem disciplinados pela justiça e demais virtudes éticas.

Quanto à virtude política e sua distribuição indiscriminada como uma dádiva divina, Platão, acredito, visa a dois objetivos. Primeiro, que acima da ciência, do progresso humano e dos valores utilitários, importam muito mais as virtudes abstratas: a justiça, a vergonha, a piedade

e outros valores éticos, sem os quais se torna impossível qualquer ordem social e jurídica. Segundo, neste mito, Platão já projeta a virtude política, sobretudo a justiça, para um fundo separado, transcendente, ideal, em conformidade com as Idéias ou as Formas Platônicas. Aqui, embora sem menção explícita, o filósofo já nos deixa entrever o lado metafísico de sua filosofia, apontando para o inteligível, como faz em outros diálogos posteriores, sobretudo na República.

No que se relaciona com a evolução do mito, observamos que, além da beleza literária, aqui, Platão nos transmite uma mensagem pedagógica, moral, filosófica e metafísica.

#### **4 – Conclusão:**

Concluimos que, em Homero e nas áreas da literatura e da arte, os mitos são mais atraentes, sensíveis e genéricos, por envolverem deuses e homens num intrincado jogo de ações e paixões humanas, que, de certo modo, atenuam as responsabilidades morais dos homens; enquanto, em Platão, em consequência da evolução, das experiências bélicas e da consciência dos valores filosóficos e democráticos, os mitos são mais seletivos e específicos, buscando sobretudo o abstrato: a metafísica, a ciência e a verdade.